

O NORTE

do DISTRITO

QUINZENÁRIO de FIGUEIRO DOS VINHOS

A Biblioteca Nacional Depósito Legal — Lisboa



Avença

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

10 de Dezembro de 1970

Proprietário Dr. Ernesto Lacerda

Director: Dr. Joaquim Alves Tomás Mergado

Chefe da Redação: Prof. A. Paula Santos

ANO XVIII — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRO DOS VINHOS — TELEFONE 42 307 — N.º 431

QUEM BRINCA COM O FOGO QUEIMA-SE

O sr. Sekou Touré, Presidente da República da Guiné, é uma rata sabida que, jogando às escondidas com comunistas e com capitalistas, tem mais ou menos, governado o barco dos seus interesses mantendo-se no Poder mesmo a despeito das fortes correntes oposicionistas.

Tão cioso do mando, quanto fantasioso, ora aproveitando-se da autoridade, ora criando histórias inconcebíveis, tem, um a um, afastado os inimigos internos e conseguido, em dinheiro e em apoio, os auxílios de que necessita do estrangeiro.

Simplesmente se esqueceu de uma coisa: é que, embora afastados os chefes oposicionistas, o povo, martirizado pelo despotismo, arruinado pela sua administração, espoliado dos seus bens individuais — pequenos ou grandes não interessa —, mesmo sem cabecilhas, ou sem cabecilhas de valor, começou a rebelar-se, ida a dia cada vez mais, cada vez mais ostensivamente.

E as coisas chegaram a tal ponto que o sr. Sekou Touré viu tremida a sua cadeira presidencial e resolveu reequilibrá-la à custa de um golpe teatral, um daqueles golpes que, quando aparados, normalmente resultam em cheio.

Então, tal como há anos havia feito, em relação à França, lembrou-se de inventar uma guerra, uma pavorosa guerra, movida pelos portugueses, não só para o derubar, como para acabarem com a República da Guiné. E foi prolixo nos promenores: uma dezena de barcos de guerra, dentre os quais alguns submarinos, aviões às dúzias, mercenários às centenas, duelos de artilharia, estavam pondo o seu país a ferro e fogo; nas ruas de Conakry lutava-se com ardor. Era o fim da República da Guiné se os estados africanos não corresse em seu auxílio e se a ONU não enviasse, rapidamente, uma ajuda eficaz. Entretanto, e como único caminho de salvação, pedia-se a convocação imediata do Conselho de Segurança onde, sem dúvida, «os bons amigos», africanos, russos, chineses — e até outros, infelizmente — determinariam a rápida partida dos capacetes azuis instantaneamente solicitados.

Porém, o melodrama tão astuciosamente erguido, começou a esboroar-se pelas próprias contradições do sr. Sekou Touré que, imprevidente, foi anunciando o incontestável domínio da situação, graças às suas próprias forças militares, a derrota inflingida às vagas de invasores, embora, apesar de tudo, continuasse a recla-

mar a imediata presença dos capacetes azuis. Mas esboroou-se, ainda mais, pelos depoimentos de viajantes, em trânsito, que negaram ter visto sinais de mercenários ou de lutas sangrentas, negaram ter visto quaisquer barcos de guerra. Esboroou-se, ainda, em virtude de desconfiança da maior parte das grandes capitais europeias e americanas que, através da respectiva imprensa, analisaram os factos, minuciosamente, para concluir que tudo aquilo não passava duma história de opereta, criada pelo poder de ficção do sr. Sekou Touré... Esboroou-se de todo quando o Presidente da República da Guiné, amado por lhe não terem mandado os capacetes azuis, tratou com duas pedras na mão os membros da comissão de inquérito que o Sr. Thant, Secretário Geral da O.N.U., lhe enviou por intermédio do Conselho de Segurança.

Qual a finalidade de toda esta história? Pergunta se.

Todo o Mundo conhece o nosso respeito pelas fronteiras de todos os estados soberanos; todo o Mundo sabe que não queremos criar novos problemas, porque os que temos já bastam; todo o Mundo reconhece que estando, para defesa própria, a batermos-nos em três frentes, não podemos desviar a atenção sobretudo para uma invasão.

Qual, pois, a finalidade desta história toda, senão a de dar ao Sr. Sekou Touré e ao seu regime a oportunidade de cortarem mais algumas cabeças de opositores, aproveitando-se para, ao mesmo tempo, indignar o Mundo contra nós, levando-o mesmo, possivelmente, a uma atitude de força, quando esse mesmo Mundo começa a compreender-nos?

Quem brinca com o fogo, queima-se. Para já, Sekou Touré ficou chamuscado. Veremos dentro de pouco tempo, se se não queimou irremediavelmente.

FELIX DE PAIVA

Acidente de Viação

Um trágico acidente de viação causou a morte ao Sr. Ramiro dos Remédios Nunes de 58 anos de idade, que se encontrava a passar férias em Ervideira sua terra natal.

Fazia parte do Corpo da Guarda Fiscal em Moçambique e era casado com a Senhora D. Maria Amélia da Piedade Abreu Nunes. Deixa um filho de menor idade.

Restauração

Completaram-se 330 anos de vida nacional depois que os Bravos de 1640 arrancaram Portugal ao domínio dos Filipes, após 60 anos de decadência que não foi suficiente para dominar o patriotismo e a altivez da gente lusa.

Nunca é demais lembrar aos jovens de hoje, homens amanhã, o feito glorioso dos conjurados de 1640.

Hoje como sempre é necessário estar alerta com os traidores.

Infelizmente o nome de Miguel de Vasconcelos, símbolo de traição, ainda vive na memória dos portugueses, personificado em tristes figuras, que no Ultramar português renegam a sua Pátria, a soldo dos nossos inimigos que a cobizam.

Afonso Vaz Lacerda

Depois de se submeter a melindrosa operação cirúrgica, já se encontra em franca convalescência, com o que nos regozijamos, o nosso querido amigo, Sr. Afonso Vaz Lacerda, Secretário Geral da Federação Portuguesa de Futebol e jornalista distinto.

O PÃO ALIMENTO BASE

Facultar ao público, pão de boa qualidade a preço acessível, tem sido preocupação dominante de governantes, através dos tempos, e sobretudo em épocas anormais da vida das Nações.

Também Portugal não podia fugir à regra, e por isso, os governos nacionais, com uma constância regular e cronológica, digna de registo, têm feito publicar as normas que anualmente regem a produção cerealífera, sua farinação e panificação.

Todo o labor, desde o lançamento da semente até à comercialização do produto, é acompanhado, acarinhado e largamente subsidiado pelo erário nacional, para que os portugueses de todas as camadas sociais possam ter pão em quantidade e qualidade sem desequilíbrio orçamental das bolsas menos fortes.

Este esforço monetário nacional, não pode ser ignorado, e muito menos iludido por interesses particulares de carácter especulativo, atentatórios dos direitos gerais.

Nós, serranos, vivendo longe da planície herbícea, ceifeiro

À Página 3

O Senhor Presidente do Conselho falou à Nação

Da Tribuna da Assembleia Nacional o Senhor Professor Doutor Marcello Caetano falou aos portugueses, sempre ansiosos de ouvir as suas palavras claras e sinceras, de patriótico estímulo, sem ocultarem a verdade dos factos, mas procurando a colaboração de todos para resolução dos problemas comuns.

Em todos os seus magistrais discursos sobressai o desejo elevado da promoção a melhor nível económico, e social dos seus compatriotas, numa vida dignificada e dignificante.

Não ganhamos nada (disse Sua Ex.^a) em ignorar os problemas, ocultar as realidades, iludir as soluções.

Seria impossível sintetizar melhor e em menos palavras, o que tem sido a política da verdade ao serviço da Nação, seguida pelo insigne mestre da governação portuguesa, que é Marcello Caetano.

Assim vai por Campelo

No anterior número deste jornal, referimo-nos, justamente, ao facto de o Governo continuar a desenvolver os melhores esforços para a promoção social também das zonas subdesenvolvidas ou rurais do País.

Com efeito, no capítulo Política de investimentos da «Lei de Meios», que então citámos, está estatuído (Art.º 19.º) que dar-se-á prioridade aos investimentos a efectuar nos domínios seguintes: saúde pública e educação de base (escolas...); formação profissional, promoção social e investigação; infra-estruturas económica e social de actividades agro-pecuárias; bem-estar das populações rurais e habitação social...

Num outro capítulo da mesma lei, o pertinente a Política regional (Art.º 25.º-2) está também fixado que os auxílios financeiros (...) a conceder para melhoramentos rurais devem obedecer à seguinte escala de prioridade: vias de comunicação, especialmente a povoações isoladas; electrificação, abastecimento de águas e saneamento; outros empreendimentos

destinados à valorização local e à elevação do nível de vida das populações...

Do que resumidamente fica dito já se vê que se trata de toda uma política de promoção social em larga escala também das regiões subdesenvolvidas ou ainda onde é grande o atraso económico-social. E é evidente por demais, repetimos, que o Governo se esforça corajosamente por realizá-la.

Sendo na verdade assim, não é pois de admirar que as administrações locais (autárquicas) adoptem idênticas directizes ou orientações ao gizarem os seus Planos anuais de actividade. Efectivamente, elas prosseguem também necessariamente fins do próprio Estado: fins de justiça, fins de segurança, paz, e bem-estar social. Têm assim certos pólos essenciais de ligação ao Estado ou de complementaridade em ordem à cooperação com a Administração central para a consecução dos aludidos fins, pois que eles visam a conservação e o desenvolvimento da sociedade política ou comunidade estadual.

Atendendo-se por seguinte ao estabelecimento na referida lei financeira, e que objectivamente aqui referimos, temos que a estrada Castanheira de Pera-Espinhão quase há um século pedida aos poderes públicos pelos povos interessados, é vital para o progresso não só da região de Campelo, mas também de outras ex-

À Página 3

Para assistir à peça "O PREÇO", de Arthur Miller

Aproxima-se a quadra do Natal. É a época em que muitas pessoas da província se deslocam a Lisboa, para festejar, com suas famílias a tradicional consoada. Para grande parte destas pessoas o Natal é a única oportunidade que têm de se deslocar à capital.

É precisamente pensando nisto que a Empresa Teatral Vasco Morgado decidiu preparar para o mês de Dezembro uma campanha que se destina a proporcionar às pessoas da província que passem alguns dias em Lisboa a assistência a um espectáculo teatral de verdadeiro nível e interesse. De entre todos os espectáculos neste momento em cena foi escolhida a peça «O Preço», de Arthur Miller, em exibição no Teatro Laura Alves (Rua da Palma, 261), para motivo desta campanha. A escolha de «O Preço» foi motivada pela alta qualidade artística desta peça, cuja interpretação conta com um elenco excepcional, constituído pelos actores Jacinto Ramos, Varela e Silva e Glória de Mattos e, ainda, com o grande actor José Gamboa, que regressa ao teatro depois de 13 anos de afastamento e cujo desempenho em «O Preço» foi unanimemente saudado pela crítica como um dos grandes acontecimentos teatrais deste ano e sublinhado pelo público com calorosas ovações. Outra razão forte para a escolha de «O Preço» reside no facto de se tratar de uma peça célebre em todo o mundo, original de um dos maiores dramaturgos do nosso tempo. Desta maneira, Vasco Morgado proporciona ao público da província a possibilidade de assistir a um espectáculo teatral de grande nível, mas, mais do que

isso, a possibilidade de contactar com a obra de um gigante da dramaturgia contemporânea.

Como se efectiva este convite da Empresa Vasco Morgado ao público da província (que tão raramente vê bom teatro)? Da maneira mais simples. O leitor tem apenas

uma oferta especial de Vasco Morgado aos leitores deste JORNAL

de recortar este artigo e de o apresentar, em qualquer dia do corrente mês de Dezembro na bilheteira do Teatro Laura Alves. Contra essa apresentação obterá um desconto de 50% (cinquenta por cento) em relação aos preços normais dos bilhetes daquele teatro (dos mais baixos dos teatros de Lisboa).

Esta campanha, que é levada a efeito com a colaboração de centenas de jornais portugueses, destina-se fundamentalmente a fazer a propaganda de bom teatro. Ao mesmo tempo, é uma homenagem prestada às populações da província, que tão injustamente se veem impedidas de contactar com obras só acessíveis ao público da capital.

Não se esqueça, pois, se vai a Lisboa em Dezembro: recorte este artigo e apresente-o na bilheteira do Teatro Laura Alves.

Desejamos-lhe uma esplêndida noite de teatro!

«O NORTE DO DISTRITO»
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS—CLÍNICA GERAL

TELEPHONE 42 438

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLÍNICA GERAL

Telefone 42 498

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Transporte de Mercadorias

Furgoneta de Aluguer

DE

José Velhada Assunção

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MUDANÇAS

TRANSPORTE AO QUILOMETRO

SERVIÇO PERMANENTE

NA PRAÇA OU TELEFONE 42 453

Para evitar o roubo do carro o proprietário deve ajudar

O roubo de automóveis está a torna-se entre nós bastante frequente. Constitui hoje expressão de certa vulgaridade não encontrar o carro que horas antes se deixara à porta de casa ou no parque do estacionamento mais próximo. Nalguns casos, também não se passam muitas horas sem notícias — e esse é o aspecto mais importante deste moderno lactrocínio. Algum número de vezes, o carro envolvido em acidente que faz acorrer ambulâncias e polícia é o que foi roubado pouco antes.

Evidentemente que quem rouba um automóvel não tem a intenção de acumular a categoria de ladrão com a de assassino, mas as circunstâncias emocionais da aventura, se não também a incipiente preparação para conduzir ou particularidades técnicas resultantes do manejo dum veículo desconhecido, são propícias ao desencadear de situações trágicas. Em resumo: tal espécie de crime tem um significado que vai muito para além do atentado ao direito de propriedade, podendo ir do simples prejuízo material à tragédia irreparável. Alertar

contra os ladrões de automóveis, criando no público uma consciência contra o que pode despojar-nos não só do que nos pertence, mas também da vida ou da integridade física, é tarefa que deve ser empreendida com a maior publicidade.

Até 1960, quase se não acreditava, em Portugal, se pudesse vir a dar o que noutros países tomava já alarmantes proporções. Nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, o roubo de automóveis era já nessa altura uma «instituição» bem montada. O amadorismo que entre nós caracterizou e de certo modo ainda caracteriza o ladrão português não existia lá fora, senão numa escala muito pequena em relação ao furto com fim de negócio e desenvolvendo-se a um âmbito verdadeiramente empresarial e internacional.

Mas, apesar do amadorismo a que nos referimos atrás, de 1961 para cá o número de veículos roubados tem aumentado de modo assustador. Em 1966 nada menos de 1.152 não tendo sido encontrados 28.

Dir-se-á que é pequena a per-

centagem de veículos definitivamente perdidos, mas nem por isso o problema é menos grave. Certo número de carros que voltam às mãos dos seus donos figuraram em acidentes mais ou menos trágicos. Geralmente o facto de com eles serem percorridos umas centenas de quilómetros é o que de menor importância pode acontecer. Efectivamente, este assunto tomou fairs proporções que não bastará em breve todo o poder dum sistema policial por mais bem montado que esteja. Torna-se indispensável a colaboração dos próprios interessados.

Esta deveria começar pela instalação de dispositivos anti-roubo. Existem vários tipos — mecânico, acústico, eléctrico ou misto — e são de preço acessível. Algumas marcas de automóveis já são deles portadores e alguns países já o tornaram obrigatório como a instalação dos cintos. A precaução de fechar o carro e de retirar dele os respectivos documentos é indispensável. Podesse calcular que vantagens não resultam para o ladrão da posse dos próprios documentos que dizem respeito ao veículo. Outro cuidado elementar é o de retirar tudo o que possa suscitar cobiça. E se no carro existir só sinal do conhecimento do proprietário, não diminua o perigo do roubo mas aumentam as possibilidades de recuperação no caso de a matrícula e até o aspecto exterior terem sido modificados.

Verificado o roubo, a Polícia deve ser imediatamente avisada e posta ao corrente não só dos indispensáveis elementos de identificação assim como de quaisquer pormenores que possam concorrer para facilitar a sua tarefa.

Inicialmente, o ladrão de automóveis — ou melhor, dum automóvel — pertencendo ao tipo que podemos designar por «estoiro-vergas» tratava-se de um jovem que aliciava outros e, encontrado o carro que pudesse ser posto em movimento pelo processo de ligação directa, aí iam eles de abalada. Acabado o passeio abandonava-se o transporte.

Este género de ladrão, que a sua própria levandade torna potencialmente perigoso, não desaparece. No entanto, numa acção policial bem organizada as consequências experimentadas por alguns têm concorrido para os desencorajar. Em contrapartida, o ladrão profissional e aquele que aspira a ser auto-transportado em longas distâncias existe hoje em número elevado. Destas duas categorias, o primeiro é, no ponto de vista material mais de temer: a sua acção pode levar à perda definitiva do carro, pois, em vista ao seu negócio, ele o aproveitará de modo a torná-lo irreconhecível ou irreparável. Os outros pretendem viajar «de borla» e, uma vez satisfeito o seu propósito, não cuidam de mais nada.

A conclusão é que o País, sobretudo Lisboa e Porto se tornaram campo de acção de gatunos extremamente hábeis em relação a mercadoria bastante exposta. Existe uma coordenação policial à altura das circunstâncias é certo, mas melhor é prevenir que remediar. Significa isto que a colaboração dos proprietários de veículos é indispensável para a protecção dos seus próprios bens.

Prevenção Rodoviária Portuguesa

NÃO SE META EM AVENTURAS!

a máquina de costura

OLIVA

não tem plásticos

Não esqueça minha senhora, que a **OLIVA**, porque é inteiramente de aço, dura e serve várias gerações, quaisquer que sejam as condições de trabalho

Não a confunda... pois a **OLIVA** não pretende fazer "FOGO DE VISTA", mas sim poder ser-lhe útil e durar mais

Quem possuir uma **OLIVA** só está descontente se quiser

A máquina **OLIVA** tem assistência permanente neste concelho na

Ourivesaria Lourenço

Fogões **OLIVA** com forno a 1100\$00

Máquinas de escrever **OLIVA** a 1950\$00

TELEVISORES **OLIVA**

TUDO COM GARANTIA **OLIVA**

Ourivesaria Lourenço

Telef. 42105

Figueiró dos Vinhos

Assim vai por Campelo

Da Página 1

tensas zonas rurais em volta. Na própria Assembleia Nacional e na imprensa diária (*Diário Popular*) já foi debatido e documentado e criticado o problema da falta de vias de comunicação que, a partir de Tomar e abrangendo a vasta região dali compreendidas entre Penela, Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera, Lousã e Espinhal, impede o progresso de tão extensa zona rural.

Por essa altura, ou seja há cerca de dois anos, um dos dignos deputados chegou mesmo a sugerir a construção de uma via-férrea de Tomar a é a Lousã.

Está pois provado e mais que demonstrado que a construção da estrada Castanheira de Pera-Espinhal é uma necessidade de carácter social imperativo.

Pois Bem. Tanto quanto o sabemos, a abertura dessa via rodoviária está finalmente e felizmente na linha do rumo da política governamental e já incluída e aprovada no «Plano Rodoviário» a realizar até 1973, integrado no «Plano de Fomento» em vigor e execução.

Será o seguinte o itinerário ou caminho de tal via de comunicação: Penela, Espinhal, Relvas, Alge, Campelo, Castanheira de Pera, isto é, o da Estrada Nacional N.º 347.

A distância a vencer (de estrada ainda inteiramente por construir) é apenas de uns vinte quilómetros... ou seja a que separa a povoação das Relvas (Espinhal) de Castanheira de Pera. Uma distância realmente bem pequena.

Sim. Apenas uns vinte quilómetros de estrada por construir, apesar de há tantos anos pedida... Quantas gerações passaram deste então sem que tenha concretizado esse melhoramento imprescindível ao progresso, insistimos, também da região de Campelo... Quantas gerações por cá sacrificadas à ausência de progresso...

A vida, a vida... é um fluir incessante de acontecimentos e factos. Que ela assim é, fugaz, di-lo também na sua musa o benquisto poeta, João de Deus. Oicamo-lo:

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sonho que foje,
A vida é nuvem que voa...

Estamos certamente todos de acordo com ele. A vida é o dia de hoje... A promoção social tem de fazer-se cada dia e não apenas de quando ou fortuitamente. De contrário, não avançaremos. Ora quem não avança atrasa-se, recua. As aspirações e necessidades das populações rurais devem também ser satisfeitas sem perda de continuidade, assiduamente, sem esquecimento nem adiamento injustificado ou indívio.

Nesta altura, que a construção da dita estrada já está superiormente aprovada e que ainda agora o ilustre Ministro das Obras Públicas esteve em Figueiró dos Vinhos e em Castanheira de Pera com altas individualidades a conhecer, *in loco* e *de visu*, das necessidades imperativas destas vilas e seus termos, grande é pois a esperança nesta região de Campelo em que desta vez a construção da estrada em causa seja brevemente um facto. Se o for, será mais um facto necessário de evolução na continuidade de crer, de ter Fé, e de se criar assim bem-estar social.

Justificadamente, portanto, é grande o contentamento cá dos povos; e todos estão apostados em saber agradecer na devida altura tão desejado melhoramento. A vinda e visita de trabalho de tão altas individualidades ao norte do nosso distrito é—todos o pensamos—garantia inequívoca de que a Administração central vai agora dar satisfação às mais prementes e instantes necessidades que impedem por cá os benefícios do progresso.

Altamente construtivas e a todos os títulos salutares, dado o seu elevado alcance psicológico e social (pelo estímulo, pela esperança e pela certeza que levam aos povos de que as suas reais necessidades serão atendidas) são também as visitas de observação e trabalho que o Senhor Presidente do Conselho, insigne Professor Doutor Marcello Caetano, vem fazendo «aqui e acolá», ou seja, a vários pontos do País.

Sua Excelência ainda agora esteve aqui, na nossa vizinha região da Lousã, a examinar as devastações causadas pelo fogo.

Pois lá do alto do *Trevim*, olhando para o lado do sul, a partir de onde começa ali a região de Campelo e nasce a *Ribeira de Alge*, terá talvez notado a vastidão de horizonte, a perder de vista, sem que todavia por ela ainda se cruze a *Estrada Castanheira de Pera-Espinhal* a promover o progresso e a possibilitar a chegada rápida de socorros em casos de fogos, como o de há pouco, ou de outro acontecimento grave e inesperado; e também a fomentar a penetração cultural—pela qual tem de operar-se a reforma das mentalidades—e o aparecimento do Turismo, com óptima perspectivas para todo o concelho de Figueiró dos Vinhos e outras regiões vizinhas.

Ir-se aos próprios locais conhecer das necessidades, providenciar, face a elas, mediante certa colaboração interindividual dos povos interessados, é—sem nenhuma dúvida—um novo e saudável estilo de governar, de avar o espírito de luta construtiva, de evitar burocracias, de dispensar relatórios e até outros estudos e informações que nem sempre conseguem traduzir e comunicar as verdadeiras realidades dos factos ou carências locais a satisfazer, para melhor justiça, segurança, paz e bem-estar social.

«Por ocasião das minhas deslocações aqui e acolá... «as pessoas que encontro dirigem-se-me com confiança e falam-me abertamente do que lhes interessa, como se há muito me conhecessem. E nem imaginam quanto isso me agrada!»

«Durante a minha recente visita à serra da Lousã para examinar os estragos causados pelo fogo... «algumas das providências tomadas foram-me sugeridas por gente do povo.»

«O Governo de um povo tem de atender primordialmente às necessidades correntes.»

Sim. Porque a vida é o dia de hoje—di-lo o poeta e afirmamo-lo nós também. É a forma correcta de na continuidade se caminhar e, no dia-a-dia, seguir a evolução do tempo futuro; e também um processo de actuar pelo qual se consegue que todas as gerações—e não só algumas—possam colher os benefícios do progresso do seu tempo, da sua época. Sem atropelos, sem vio-

O PÃO ALIMENTO BASE

Da Página 1

de Portugal, e afastados da indústria de moagem, só conhecemos de perto a panificação, e é perante ela que verberamos a má, ou elogiamos a boa qualidade de pão que nos fornece, quando, nem sempre, é sua a responsabilidade, embora algumas vezes o seja também.

Que se entenda, quando falamos em panificação, que o fazemos de maneira geral, e não somente à do nosso meio ou região.

Essa laboriosa indústria, merecemos, aliás como todas, de uma maneira geral, muito respeito e consideração, mas está a verificar-se, (avaliando pela multiplicidade dos autos levantados, isto sem prejuízo da honorabilidade da grande maioria dos industriais), que grande parte deles não se adaptaram ao novo condicionalismo, em que foram atendidas pelo Governo da Nação as suas justas reivindicações que datavam de longos anos, mas que agora, para algumas parecem não ter limites, numa sofreguidão de ganhuça que em nada se identifica com o salutar espírito da lei, nem com o sacrifício exigido à Nação.

O consumidor aguarda portanto com paciência e compreensão este período de adaptação às novas qualidades, formatos, preços e pesos, para uma vez conseguida essa adaptação, fazer uso dos legítimos direitos que a lei lhe confere. Se não o fizer contribuirá, não só contra os seus próprios interesses, mas para o fomento de uma transgressão sistémica contra a economia nacional.

Os portugueses devem ter o pão que merecem, e que o Governo, usando das suas facultades legais, se esforça por lhe assegurar. F. P.

Vende-se

Mobiliária de quarto de casal em fórmica com colchão de molas e fogão a gás com 3 bocas, forno e estufa tudo em estado de novo por motivo de retirada.

Informa Fausto de Abreu em Águda.

Assine este JORNAL

lências. «No que não ganhamos nada é em ignorar os problemas, em ocultar as realidades, em iludir as soluções... Estas transcrições são da comunicação feita ao País, no passado dia 16, pelo Senhor Presidente do Conselho através da Televisão e da Rádio nacionais, e publicada no dia imediato, na Imprensa Diária, em que o íntegro estadista também acentuou estar no pensamento do Governo: «Uma sociedade mais justa onde todos tenham o lugar devido com o prevailecimento do interesse geral».

Bem haja! Efectivamente, é de aceitar e estabelecer que — *est modus in rebus* — há uma medida em todas as coisas... Continúa

Águeda, 11 Novembro de 1970
Joselecampo de Matos

Visado pela Comissão de Censura

LUTUOSA

Manuel Lopes Branco

D. Assunção de Jesus

No dia 21 de Novembro último, faleceu no lugar de Salaborda Nova, Vila Facaia, o Senhor Manuel Lopes Branco, pessoa muito conhecida e considerada nesta região.

O saudoso extinto era casado com a Senhora D. Maria Aurélia Morgado Branco, e pai da Senhora D. Maria Rosa Lopes Dinis, casada com o nosso prezado amigo Senhor Manuel Joaquim Dinis industrial de construção civil e dos Srs. Manuel Antunes Branco e Abílio Lopes Branco, igualmente industriais de construção civil, casados respectivamente com as Senhoras D. Manuela Neves Branco e Lucinda Branco.

Também era avô das metiñas Maria Aurélia Lopes Dinis, Maria do Céu Neves Branco, Maria Alice das Neves Branco e Isabel Branco e ainda dos Srs. Abílio Manuel Lopes Dinis, Eurico Lopes Dinis, e António Lopes Branco.

O funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério de Vila Facaia constituiu sentida manifestação de pesar, nele se tendo incorporado muitas centenas de pessoas vindas das mais diversas partes do concelho e do país.

Daniel de Jesus Silva

No Hospital de Celas—Coimbra, faleceu no dia 4 do mês corrente o Sr. Daniel de Jesus Silva de 40 anos de idade, empregado da «Sonuma», casado com a Sr.ª D. Maria da Graça de Jesus Silva, residentes em Carapinhal, desta freguesia, que deixa uma filha de menor idade, a menina Maria de Fátima.

O saudoso extinto era irmão do Sr. Higinio Jesus da Silva, funcionário da «Sonuma» casado com a Sr.ª D. Maria Fernanda da Conceição Silva, funcionária dos C. T. T.; dos Senhores José de Jesus Silva e Manuel de Jesus Silva ausentes do País; Senhoras D. Amélia de Jesus da Silva, casada com o Sr. Manuel de Jesus Abreu; D. Maria de Jesus Silva, casada com o Sr. Manuel Jesus Silva, e D. Ercília de Jesus Silva, casada com o Sr. Almerindo da Silva Lopes.

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES

MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.ª, 3.ª, 4.ª, 6.ª e sábados das 9 às 12 horas e 5.ª e sábados das 15 às 17 horas.

Telefone 42 498

FIGUEIRO DOS VINHOS

Manuel Henriques Coelho

Fábrica de artigos de cimento

Depósitos para vinho e sulfato, garrafeiras, Grolhagens para construção civil, postes para vinhas, etc., etc.

Telef. 18 (Lameira Cimeira)

Pinheiro do Bolim Pedrógão Grande

Exemplo a seguir

No ano de 1671, reinando em Portugal el-rei D. Afonso VI, que Deus tem em Sua glória, a igreja de Odivelas, povoação situada no arrabalde de Lisboa e escolhida por el-rei D. Dinis e sua Esposa, a Rainha Santa Isabel, para sua residência transitória em vários períodos do seu reinado, foi assaltada, o sacrário arrombado e o calix com as hóstias consagradas roubado.

O crime de tão grave profanação espalhou-se, rapidamente, e, como um ciclone, levantou, na consciência intensamente cristã daquela época, uma vaga alterosa de revolta contra o criminoso ou criminosos por tão insólita ofensa a Deus.

As autoridades puseram-se logo em campo e não tardou que o inconcebível pecador caísse nas malhas da rede que lhe foi lançada pois, surpreendido a roubar galinhas na cerca do convento de Odivelas, foi preso. Submetido a um bem conduzido interrogatório, o desgraçado acabou por confessar ter sido ele o assaltante da igreja e o ladrão do calix com o recheio divino. Pretendendo as autoridades saber qual o destino que dera aos *objectos* sagrados, declarou que os tinha enterrado no local que foi indicar. Efectivamente, aberta uma cova, eles foram, com aprazimento de todos, descobertos. Dada a *boa-nova* ao pároco e povo de Odivelas, o calix com as partículas divinas foi conduzido, de baixo do pátio e em extensa procição envolta numa atmosfera de orações fervorosas, alternadas com cânticos religiosos em acto de agradecimento a Deus pelo achamento de tão precioso tesouro, e colocado no sacrário de onde, sacrilegamente, tinha sido retirado.

Seguiu-se, depois, o segundo acto deste pungente drama religioso — processamento e julgamento do criminoso que terminou com a condenação do réu à pena capital: mãos e cabeça decepadas e o corpo queimado numa

Gente Nova

No dia 28 de Novembro último, no Instituto Maternal de Coimbra, teve feliz sucesso, dando à luz um lindo menino, ao qual foi dado o nome de Miguel Angelo, a Senhora D. Célia Maria Vieira Roda David e Silva, esposa do Sr. Manuel Angelo Bruno David e Silva, nosso prezado conterrâneo e distinto funcionário, que presentemente chefia a Repartição de Finanças do nosso Concelho.

Ao felicitar os extremos pais auguramos para o Miguel Angelo as melhores venturas.

Ao Serviço da Pátria

José Teixeira de Almeida

Com destino à Guiné Portuguesa, em cumprimento da sua missão militar saiu o Sr. José Manuel Teixeira de Almeida, furriel miliciano.

José da Conceição Barreto Napoleão

Já se encontra em Lisboa para embarcar para o ultramar português, o furriel miliciano Sr. José da Conceição Barreto Napoleão, em cumprimento da comissão de serviço militar.

Por José Rodrigues Dias

fogueira. O rigor do castigo explica-se pela intensidade religiosa do tempo e gravidade da falta cometida.

Mas devemos concordar que, por nossos pecados, a *Humanidade* não está, em brandura de costumes e respeito pela dor e integridade física das pessoas, mais avançada do que na época em que tiveram lugar as cenas atrás descritas, não obstante o buril da civilização ter actuado mais três séculos para descascar a alma da crosta terrosa e espessa que trouxe do fundo do *Tempo* e dar-lhe, depois, o brilho que há-de torná-la pura e santa.

Para justificar a afirmação, basta citar os raptos e consequentes torturas a que têm sido submetidas, em cadência apavorante, criaturas inocentes para forçar os governos à concessão, ou melhor, aprovação de exigências injustas, monstruosas como sejam a libertação de presos acusados de crimes infamantes de roubo e assassinio e entrega de somas monetárias astronómicas sem o que os raptados não serão libertados e, sim, executados. Exemplos? Julgo-me dispensado de indicá-los porque alguns são de data tão recente que a memória os conserva com toda a sua frescura e o coração com todo o seu horror. É claro que os *governos* só com desprestígio da sua autoridade e estímulo para novos crimes do mesmo jaez podem ceder às exigências dos que têm os corações petrificados e os espíritos obscurecidos pelos fumos do ódio e da loucura. Alguns *governos* fortemente pressionados pelos sentimentos de amor, caridade e humanidade têm cedido. Que Deus lhes dê a recompensa de que os seus actos se mostram credores!

Na lista dos países propostos para a concessão do prémio é de inteira justiça colocar em primeiro lugar o grande país, nosso irmão, o Brasil.

Conclui no próximo número

Secretaria do Estado da Agricultura

Estação Vitivinícola da Beira Litoral - Anadia

Curso intensivo de Enologia

De 4 a 9 de Janeiro de 1971 vai realizar-se na Estação Vitivinícola de Anadia o 13.º *Curso Intensivo de Enologia* que constará de palestras teóricas, práticas de laboratório e de adega, versando os seguintes assuntos: — Exame dos vinhos desde a prova organoléptica à apreciação dos principais elementos químicos; cuidados a observar para a boa conservação dos vinhos no diverso vasilhame; clarificação por meio de colagens e através de filtros; doenças e desequilíbrios dos vinhos, forma de os evitar e meios de tratamento; aproveitamento de sub-produtos, etc.

As exposições começam todos os dias por volta das 10 horas. Os trabalhos da tarde podem prolongar-se pelo tempo julgado necessário, que poderá ir até às 18 horas.

A inscrição está aberta a todos os Vitivinicultores, devendo para tal dirigir-se ao Director da Estação Vitivinícola em carta ou simples postal, indicando a profissão, habilitações literárias e a residência. Os frequentadores do curso terão apenas a seu cargo o alojamento numa das pensões de Anadia ou num dos hotéis da Curia

A todas as Mães de Portugal

Beijo-te as mãos minha Mãe:

Mãe, beijo-te as mãos.
E nesse beijo ponho toda a ternura e gratidão que de tão grandes não cabem no Universo, mas ficam dentro do pequeno verso que espontâneo me vem do coração.

Beijo-te as mãos, Mãe, as tuas mãos marcadas pelos anos de luta e de aflição. Cada ruga, cada traço, são, para mim, a expressão da fadiga e do cansaço de toda a vida passada.

E quando beijo as tuas mãos, Mãe, beijo as mãos de todas as mães que pelos filhos deram o coração. As que ficaram sózinhas lutando pela veste e pelo pão.

Aquelas que ensinaram em santa devoção, pela manhã e à noite, no pequeno leito, o filho a unir as mãos em oração, pedindo a Deus que o faça bom, perfeito.

Aquela que em vigília dolorida, sobre o berçinho inclinada, acompanhou com ansia mal contida, com lágrimas e prece, o sofrimento da criança amada, dando-lhe a própria vida se pudesse.

Aquelas que levaram o seu menino pela primeira vez até à escola, e arrumaram, com carinho, o lanche na sacola.

Aquela que chorosa viu partir para a guerra o filho belo e forte na dúvida cruciante e dolorosa de vê-lo partir, quem sabe, para a morte!

BEIJO-TE as mãos, Mãe!
É a suprema homenagem, silenciosa, do afecto filial, que hoje cá longe te estendo e às Mães de todo o mundo. Pela renúncia e pelo amor profundo, sublime e divinal.

Mãezinha, Beijo-te as Mãos!

Horácio

Moçambique — 1970

CASAMENTO

Na Igreja da Rainha Santa, em Coimbra realizou-se no dia 22 de Novembro último o casamento da Senhora D. Maria José Simões da Silva, dilecta filha da Senhora D. Maria Amélia Simões Telhada e Silva e do Sr. Luís Mendes da Silva, diligente empregado comercial com o Sr. António Manuel de Oliveira Rodrigues, hábil guarda-livros, filho da Senhora D. Maria Assunção Correia de Oliveira e do Sr. Guilherme Fernando Rodrigues, considerado funcionário da Empresa Eléctrica das Beiras em Coimbra.

Apadrinharam o auspicioso enlace por parte da noiva a Senhora D. Maria Graciosa Simões Arinto e seu marido Sr. Jaime Rosa Arinto competente guarda-livros da Empresa Adelino Pereira Marques, Lda., e pelo lado do noivo a Senhora D. Maria de Lurdes Carvalho Dias e seu marido Sr. Dr. António Augusto de Carvalho Dias, distinto médico na capital.

Presidiu ao acto solene o Rev. Padre Jerónimo de Jesus Correia que na altura própria, teve, para os noivos, palavras de esperança e fé cristã.

Ao jovem casal, que após a viagem de núpcias pelo País fixou residência em Pampilhosa da Serra, desejamos um futuro repleto de felicidades.

O Natal da nossa Terra

Promovido pela Casa do Povo de Figueiró dos Vinhos, em colaboração com a Escola Secundária Municipal, Ciclo Preparatório e Casa da Criança, iniciou-se ontem um ciclo de realizações alusivas à Quadra do Natal, com o alto patrocínio da Delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em Leiria, denominado «O Natal da Nossa Terra», cujo programa geral publicamos a seguir.

Ciclo de Preparação no Salão de Festas da Casa do Povo

Dia 9

A's 21 horas — «O Natal da Nossa Terra», pelo Dr. Manuel Alves, seguido de declamação de poemas por alunos da Escola Secundária Municipal.

AGUDA precisa

de um cemitério a norte da Freguesia

Existe um conjunto de povoações no extremo nordeste da freguesia de Aguda, composta por Moninhos Cimeiros, Moninhos Fundeiros, Casal Velho, Chimpeles e Coelheira, além de outros casais de menos importância, que têm por ponto mais central, quanto a ligações rodoviárias, o lugar de Chimpeles.

O complexo destas povoações, aproximadas entre si, devem possuir no presente mais de 150 fogos e 500 habitantes.

Deste conjunto de habitações à sede da freguesia, são mais de quatro penosas horas de caminho, as necessárias para levar os mortos à sepultura.

Já tem havido quem recorra ao cemitério de Figueiró dos Vinhos para sepultar os seus entes falecidos, por ser mais perto, mas contrariamente aos seus desejos.

Julgamos que o problema podia ser resolvido com a construção de um cemitério na povoação de Chimpeles ou Moninhos, esta com mais facilidades, por já ter Capela, e aquela por ser de todas a mais central.

Quanto a terreno, estamos convencidos que não seria problema.

A solução de fazer os funerais para fora da freguesia, não agrada à maior parte dos habitantes por várias e justificadas razões. Carregar em braços com os cadáveres em tão longos percursos, são sacrifícios que não se devem exigir a ninguém nos tempos que correm.

Anote-se ainda que apesar dos bons esforços da Câmara e do Estado, no tocante a abertura de estradas, esta zona da freguesia ainda não está ligada por estrada com a sede, por falta de um troço, do Casal Velho ao Azeitão, existindo apenas um mau caminho para peões.

Esta região, cuja população está agradecida aos poderes públicos, que em poucos anos a ligaram por estradas à sede do concelho não deseja virar as costas à sua freguesia, onde receberam o seu primeiro sacramento e em cuja Igreja tantos casaram.

As suas grandes aspirações de hoje são a electricidade e um *campo sagrado*, mais perto de casa, para derradeira morada, onde os seus mais próximos parentes queridos, possam zelar as suas sepulturas.

Dia 10

A's 21 horas — «Decoração do Lar». Orientação a cargo de uma decoradora.

Dia 11

A's 21 horas — «Música do Natal» pelo Dr. Francisco Faria, seguido de cânticos a cargo de elementos do Crupo Coral D. Pedro de Cristo de Coimbra.

No Salão da Casa da Criança

Dia 12

A's 16 horas — «Culinária Tradicional de Natal», por uma especialista do Instituto Culinário Vaqueiro.

No Ginásio da Escola Secundária

Dia 13 de Dezembro pelas 15 horas

Tarde Infantil
Programa

I parte

Cânticos de Natal
Acto do Natal
Danças Regionais

II Parte

Momento dos mais novos
Abraão, Tomé e C., trupe de palhaços musicais

Participação da Escola Secundária Municipal e Casa da Criança

A distribuição dos bilhetes é feita nas Secretarias da Casa do Povo e da Escola Secundária Municipal, durante as horas de expediência.

A transcendência das decisões

A vida é uma cadeia de decisão, algumas transcendentes, outras sem transcendência. Quais são as decisões verdadeiramente importantes? Muitos pensarão: o casamento, escolher uma profissão, mudar de emprego, etc..

Efectivamente, escolher a pessoa que nos vai acompanhar na vida é uma decisão que pode alterar o curso da nossa existência. Igualmente se escolhermos o ofício, a profissão adequada à nossa habilidade, logragremos progredir e desempenhá-la com gosto e eficiência.

Como é óbvio, tais decisões são fundamentais para o nosso futuro. Bem sabemos que se cometemos um erro do juízo, teremos que pagar as consequências. As nossas esperanças ficarão frustradas e teremos que fazer um grande esforço para emendar o erro cometido.

Tudo isto são as decisões que consideramos vitais. No entanto, há outras decisões que ainda que pareçam pequenas e sem grande significação, podem na realidade torna-se muito importantes e mudar completamente as nossas vidas.

As pequenas decisões que fazemos constantemente, esse processo mental de comparação e escolha que temos de efectuar em poucos segundos, são por vezes decisões altamente importantes. Por exemplo: atravessar uma rua pode significar a morte se decidirmos fazê-lo em momento impróprio. Para o trabalhador que está a realizar uma operação que oferece risco, uma má decisão, por pequena que pareça, pode causar-lhe, e aos seus companheiros, um acidente de proporções incalculáveis.